

Um breve olhar sobre as veredas da CF – Franca - Agosto de 2019

I

Do clamor do povo, nasce a Campanha da Fraternidade

A Campanha da Fraternidade, organizada pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), segue como uma oportunidade ímpar de debater e buscar soluções para os problemas estruturais da nossa sociedade. De sua criação, em 1964, quando no calor dos debates teológicos e pastorais, acontecia o Concílio Vaticano II, convocado pelo papa João XXIII, a igreja retoma consciência de ser povo de deus em marcha na história. Reassume sua missão humanizadora. Busca não somente dialogar com mulheres e homens inseridos em suas histórias, mas assume suas alegrias, tristezas e esperanças. Enfim, uma igreja no mundo. Uma igreja que se fez povo, para seu povo.

"Fomos com o padre Eugênio visitar o açude público Pataxó... Lá chegando pelas 10 horas, vimos um formigueiro humano de cassacos carregando barro em caminhões e em costas de jumentos. Uma turma nos reconheceu... Um deles, parecendo ser o líder, foi dizendo: "Seu vigário, tire nós dessa escravidão, pelo amor de Deus".

O emocionante relato do padre Expedito Sobral de Medeiros é considerado o marco inicial para a criação da Campanha da Fraternidade. Com o apoio da Juventude Agrária Católica (JAC), em 1958, cada militante da JAC doou um dia de salário ao flagelados, como gesto de solidariedade, ocorrido na Semana Santa, daquele ano. A seca, provocada por anos sem chuva, castigava o povo do sertão. Iniciativas na esfera social foram criadas no desejo de expandir pelo Nordeste ações caritativas no desejo de diminuir tantos sofrimentos. *Lembre-se: você também e igreja* foi o lema da primeira Campanha da Fraternidade, 1964, realizada durante as contagiadas conclusões de

renovação eclesial expostas pelos primeiros documentos aprovados pelo Concílio Vaticano II (1962-1965).

II

Época de unir esforços pela renovação

A "fundação" da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), acontece no dia 14 de Outubro, de 1952, na cidade do Rio de Janeiro. Após dois anos, será criada a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), em fevereiro de 1954. Como nada surge ao acaso, há significativas ações que estão nas raízes dessas duas importantes entidades essenciais para o surgimento, desenvolvimento e fortalecimento da Campanha da Fraternidade.

A *Ação Católica* recebera, no mundo e, não poderia ser diferente no Brasil, apoio incondicional, diante dos apelos de seu fundador, o papa Pio XI, em 1923. No Brasil, a *Ação Católica Brasileira* (ACB) irá imprimir sua marca nos mais diferentes rincões, com especial destaque ao universo juvenil. Surgirão a JAC, JEC, JIC, JOC e JUC. Por detrás dessas siglas estão atuações junto aos jovens na realidade agrária, estudantil, intelectual, operária e universitária.

Por ocasião do V Congresso Eucarístico Nacional, realizado em Curitiba, em 1960, com a presença de seu fundador, o padre jesuíta italiano Ricardo Lombardi, o *Movimento por um Mundo Melhor* (MMM), é apresentado no Congresso Eucarístico. O entusiasmo de Lombardi ecoou nas mentes e corações. Uma equipe de assessores, composta por notáveis pregadores, como os padres Lúcio Floro, José Marins, Frederico Didonet, entre outros, formam o Secretariado Nacional do MMM. Em um prazo de quatro anos, são ministrados mais de 750 cursos. O objetivo foi alcançado: dinamizaram-se as obras pastorais e fortaleceram a unidade eclesial.

Nos anos de 1944-1948, os padres da arquidiocese de Natal, desejosos de articular as atividades apostólicas, criam o "*Movimento de Natal*". Os trabalhos dos padres Tiago Cloin e Eugênio Araujo Sales, fazem da igreja de Natal um centro de irradiação exemplar de pastoral. Enfim, cumpri-se o ditado que diz se as árvores são boas, os frutos não são maus (cf. Lc 6,43).

III

Momento de implementar a CF nas dioceses

No longo pontificado do papa Pio XII – 1939 a 1958 – a igreja católica no Brasil acompanha a fundação da CNBB, da CRB, a criação da Conferência Geral do Episcopado Latino-americano (CELAM) - janeiro de 1955 - e o amplo aprimoramento, nas mais diferentes realidades sociais, da Ação Católica Brasileira e do MMM. A empolgação por uma pastoral de conjunto não abrandava, mas recebe lucidez com a chegada do papa João XXIII.

Em novembro de 1958, após encontro com os bispos do CELAM, João XXIII solicita a realização de um *Plano de Emergência*, no desejo de fortalecer paróquias como centros de evangelização, formar o clero como co-responsáveis na ação pastoral e estreitar laços entre leigos e a hierarquia atuando de modo coeso nas esferas das decisões políticas e econômicas. No rastro da elaboração do *Plano de Emergência*, ficou uma pastoral mais coesa no esforço de comunhão e participação.

As novas concepções no modo de compreender a igreja e sua missão no mundo, as atuações dos leigos e leigas, a centralidade da bíblia no ato de pensar a teologia, organizar as pastorais publicadas durante o Concílio Vaticano II, sustentarão os

primeiros temas da Campanha da Fraternidade. Nessa primeira fase: é chegada a hora de não medir esforços para implementar a CF em todas as dioceses brasileiras.

Durante os anos de 1964 a 1972 todos os lemas foram pautados no desejo de divulgar as decisões e orientações conciliares: *Lembre-se: você também é Igreja* (1964), *Faça de sua paróquia uma comunidade de fé, culto e amor* (1965), *Somos responsáveis uns pelos outros* (1966), *Somos todos iguais, somos todos irmãos* (1967), *Crer com as mãos* (1968), *Para o outro, o próximo é você* (1969), *ser cristão é participar* (1970) e *Reconciliar* (1971).

IV

Chega o momento da profecia

A II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, realizada na cidade de Medellín, Colômbia, nos meses de agosto-setembro de 1968, trouxe ao centro da reflexão pastoral o conhecimento da cruel desigualdade social em um continente fortemente cristão. O catolicismo latino não foi mais o mesmo, depois de Medellín. De posse dos grandes eixos teológicos-pastorais oriundos do Concílio Vaticano II (1962-1965), a conferência de Medellín possibilitou uma ocasião de discernir e definir opções a partir do lado em que sopra o Espírito. Por ser de origem divina, a opção não poderia ser outra. A igreja opta pelos pobres, com os pobres e contra a pobreza.

Por outro lado, a ascensão dos regimes totalitários na América Latina e, no Brasil, o golpe militar de 31 de março de 1964 marcam profundamente a vida eclesial. O recrudescimento da ditadura vem com a promulgação do Ato Institucional AI-5 de 13 de dezembro de 1968. Congresso fechado, intervenção militar, prisões arbitrárias, instituição da tortura e suspensão de todos os direitos constitucionais demonstram a "longa noite escura" vivida pelos brasileiros. As inserções em várias frentes da realidade brasileira, trabalhos de base pelo fim do analfabetismo, reforma agrária, experiências no

combate a pobreza coordenadas pela Cáritas Brasileira e por líderes da Ação Católica Brasileira tornam-se alvos a serem destruídos pelo regime.

A Campanha da Fraternidade levará um certo tempo para tomar posição diante das atrocidades cometidas pelo regime ditatorial. Em 1974, com o lema "Onde está teu irmão", a vida é refletida nas mais diversas circunstâncias: a vida do enfermo, a vida do operário, a vida do idoso a vida das pessoas violentadas e injustiçadas. "Repartir do Pão" foi o lema de 1975. O uso da metodologia *ver-julgar-agir*, herança dos círculos da Ação Católica, acontece pela primeira vez em 1978, com o lema "Trabalho e justiça para todos".

V

As mensagens dos papas nas Campanhas da Fraternidade

Dom Antonio Celso de Queiroz (bispo emérito da diocese de Catanduva), por anos foi o responsável pela organização da Campanha da Fraternidade, quando ocupou o cargo de Secretário Geral da CNBB, nos anos de 1987-1994. Costumeiramente repetia: *"A Campanha da Fraternidade é o único momento em que a Igreja do Brasil convida todos os brasileiros a se debruçarem sobre um desafio social e buscar pistas para solucioná-lo. É o momento da Igreja dialogar, de modo orgânico, com a sociedade. A Campanha nasceu para ir além das paredes e portas de nossas igrejas"*. E tal esforço organizativo foi prontamente acolhido pelos papas.

No ano de 1970, a euforia pela conquista da Copa do Mundo de Futebol, no México, o tricampeonato, tomou conta do país. Inebriados pela arte em campo demonstrada por Pelé, Rivelino, Gerson, Tostão, Jairzinho e seus companheiros a euforia encobre as atrocidades do regime. Os clichês de "Corrente pra frente", "Ordem e Progresso", "Brasil: ame-o ou deixe-o" soam como refrões desejosos por embriagar as massas. Nesse ano, o tema *Ser cristão é participar* motivou, pela primeira vez, o papa a

enviar uma especial mensagem espiritual. Na ocasião, disse o papa Paulo VI, sobre a Campanha: trata-se de "contribuir para que se dêem as mãos, as pessoas, os grupos sociais e as nações, para a Paz de Cristo, no Reino de Cristo".

De lá para cá se passaram 50 anos e todos os papas – São Paulo VI, São João Paulo II, papa Bento XVI e papa Francisco - seguem demonstrando o zelo do bom pastor e votos de êxitos para essa ação pastoral originária nos sertões do Rio Grande do Norte, em 1964, e que se tornou, ao longo de mais meio século, um "patrimônio religioso e cultural" de homens e mulheres de boa vontade espalhados nas mais diferentes regiões deste imenso e diversificado país.

VI

Por uma democracia que integre a todos

Com base nos estudos realizados por padres e teólogos – Gervásio F. de Queiroga, José A. Vanzella, Luiz C. Dias e Anésio Ferla -, a terceira fase da Campanha da Fraternidade, que se iniciou no ano 1985 e seguirá pelo ano de 2020, traz ao cenário eclesial as graves situações existenciais do povo brasileiro. Oportuno destacar os temas sociais expostos nessa etapa.

No ano de 1985, a CF apresenta a sofrida situação da fome no país. O lema *Pão para quem tem fome* motivou nossas comunidades a assumirem suas responsabilidades diante do "tormento da fome e miséria no mundo e no Brasil", alertou, na ocasião, o papa João Paulo II, em sua mensagem de abertura à quaresma. "A Quaresma, a Páscoa e a Eucaristia lembram-nos que, se alguém, possuindo bens deste mundo, vê o seu irmão necessitado e lhe fecha o coração, como permanecerá nele o amor de Deus? Por isso, exortam a dizer 'não' ao comodismo e 'sim' ao amor", alerta o papa naquele ano.

Nas esteiras dos movimentos políticos e sociais que exigiram uma nova Constituição Federal, após o fim do regime militar (1964-1985), as reivindicações populares, não só ecoaram como pautaram significativamente os temas abordados em diferentes Campanhas. Buscava-se perceber, analisar e implementar políticas públicas que apontassem pistas pela superação da desigualdade, da violência e fortalecimento das instituições democráticas.

Oportuno realçar: fraternidade e o negro (1988), mulher e sua dignidade (1990), sistema de encarceramento (1997) e direitos das pessoas idosas (2003). Outros temas foram reeditados em diferentes ocasiões sociais: Amazônia e meio ambiente, realidade do mundo do trabalho, superação da violência, tráfico humano, saúde para todos, migrações, moradia e povos indígenas.

VII

As Campanhas Ecumênicas

O Concílio Vaticano II (1962-1965) exaltou a centralidade da pessoa de Jesus Cristo. A concepção de viver ao redor da sua mensagem impôs uma nova maneira do catolicismo se relacionar com outras expressões religiosas. Ao abordar o valor do ecumenismo com religiões milenares, a Igreja Católica deixa cair a clássica visão *Extra Ecclesiam nulla salus*, - fora da Igreja não há salvação – e coloca-se na perspectiva de caminhada. Não é dona da verdade, mas testemunha da verdade. Faz abertura ao rico e vantajoso diálogo com outras expressões religiosas, certa de estar colaborando para o crescimento da toda humanidade.

"Desde a antiguidade até à época atual, encontra-se entre os diversos povos certa percepção daquela força misteriosa que preside o desenrolar das coisas e acontecimentos da vida humana, chegando mesmo às vezes ao conhecimento duma Suprema Divindade ou até do Pai" (NA 2). Tais manifestações de comunhão entre

Igrejas se manifesta na criação do Conselho Nacional das Igrejas Cristas do Brasil (CONIC).

Acontece no ano de 2000, num vibrante cenário de empolgação comemorativa ao novo milênio, a primeira Campanha da Fraternidade ecumênica. Naquele ano, o tema escolhido foi "*Dignidade da pessoa humana e paz*". A chegada de um novo século impõe uma frutuosa oportunidade de unir as Igrejas para numa só voz proclamarem um milênio sem exclusões. Dívidas entre países ricos e pobres perdoadas, nações se unindo no combate à fome, o planeta preservado por ser nossa casa comum.

Diante do êxito a Campanha de 2000, outras acontecem em um espaço de cinco anos. Em 2005, *Solidariedade e Paz*. No ano de 2010, pautada pelo texto de Mt 6,24, *Economia e Vida*. Uma quarta, ano de 2016, acena para a sustentabilidade planetária, com o tema *Casa comum, nossa responsabilidade*. Em 2021 se realizará a quinta Campanha da Fraternidade Ecumênica.

Pe. Antonio C. Frizzo

acfrizzo@uol.com.br